

O rap e o espaço

Ana Ligia Faria Teixeira²²

Resumo: A partir da música-texto *Da ponte pra cá* (2002) produzida pelos Racionais MC's, este artigo tem por objetivo propor uma análise do espaço narrado na produção do grupo. De acordo com Michel de Certeau (1994) atribuímos sentido ao mundo quando nos expressamos sobre ele, quando relatamos nosso percurso, de forma que todo relato é uma prática do espaço. A música é um exemplar do cenário dos anos 2000 designado por nós como terceira fase do grupo inaugurada com o lançamento do disco duplo intitulado *Nada como um dia após o outro dia* (2002), momento em que o *rapper-narrador* considera a possibilidade de que o negro e o branco se contaminem por interação e a questão da pobreza aparece com mais força fazendo com que a condição social supere as questões raciais.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira. Espaço. Rap.

Abstract: From the song-text *Da ponte pra cá* (2002) produced by Racionais MC's, this present paper aims to propose a space's analysis narrated in the group's production. According to Michel de Certeau (1994) we attribute meaning to the world when we express ourselves about it, when we report our journey, so that all reporting is a practice space. Music is a copy of the 2000s setting referred to us as the third group stage opened with the double album released and entitled *Nada como um dia após o outro dia* (2002), when the *rapper-narrator* considers that it is possible black and white people contaminate themselves through interaction, and the poverty matter shows up stronger, causing the social condition overcomes the racial issues.

Keywords: Afro-Brazilian Literature. Space. Rap Music.

²² Mestranda em Teoria Literária, pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) - Minas Gerais; Professora Substituta do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia.

Introdução

Neste trabalho propomos uma análise do espaço relatado na música-texto²³ *Da ponte pra cá* (2002) do CD *Nada como um dia após o outro dia* (2002), produzida pelos Racionais MC's no cenário dos anos 2000 no Brasil e mais especificamente na cidade de São Paulo, amparados pelos estudos dos relatos de espaço, de Certeau (1994). Para a compreensão mais ampla da problemática abordada pelas canções dos Racionais MC's é preciso conhecer e compreender o movimento *Hip Hop*, o *rap* e o grupo do qual analisaremos a canção.

De acordo com Andrade (1999), o *rap* é um dos elementos artísticos do movimento juvenil *Hip Hop*. Por sua vez, é um movimento social dos jovens excluídos, a maioria negra, surgida em meados dos anos 1970 nos EUA, nos guetos de Nova York.

O termo *Hip Hop* nasce a partir de ações para conter as inúmeras guerras e disputas entre gangues que atormentavam a periferia de Nova York, tendo como proposta principal a paz. "Ele foi criado e continua com o mesmo propósito: canalizar energias que poderiam estar voltadas à criminalidade centralizando-as na produção artística". (ANDRADE, 1999, p.86)

Dentro do movimento *Hip Hop*, encontramos o *rap*, que é uma música de origem jamaicana, a partir da qual as pessoas tentam superar a crise social, fatos como o desemprego, as dificuldades escolares, as perseguições policiais e, principalmente, investem na autoestima. Dentre os ideais dessa cultura pode-se destacar: criar o estímulo afirmativo para a juventude negra, denunciar a exclusão cultural e econômica do

²³ Achamos por bem denominar as músicas dos Racionais MC's como músicas-textos, porque o *rap* é de cunho testemunhal, em que o *rapper* aparece como narrador das experiências cotidianas da comunidade da qual ele pertence. Assim que, de acordo com Certeau (1994) todo relato é uma prática do espaço, consideramos as ações narrativas da música-texto *Da ponte pra cá* (2002) para analisarmos o espaço nela descrito.

mundo dos brancos e a necessidade de transformar sua própria realidade por meio da conscientização coletiva.

O *Hip Hop* engloba várias manifestações artísticas, produzidas a partir de diferentes elementos e estruturas, como os *MC's* (mestres de cerimônia), os *Dj's* (disc-jóqueis), a dança, que é conhecida como *break*, a pintura, representada pelo grafite; porém, é a música, o *rap*, que é o instrumento de maior poder e valorização.

Alguém pode apreciar um movimento de dança do *break* ou observar uma grafiteagem, mas ninguém resiste à observação demasiada do rap. Pode-se até não gostar desse estilo musical, mas ele jamais é ignorado e é exatamente o que os *hip hoppers* e quaisquer outros membros de movimentos juvenis almejam – querem ter visibilidade e poder de voz – isso basta para confortar a identidade juvenil desses atores sociais. (ANDRADE, 1999, p.87).

No Brasil, o *Hip Hop* chegou aos inícios da década de 1980 em São Paulo, através do *break* (dança), sendo posteriormente divulgado nos bailes e nas lojas específicas de música negra, tendo como um de seus pioneiros Nelson Triunfo que, segundo Andrade (1999) é conhecido como o “guru” do *Hip Hop*. O grafite chegou simultaneamente com o *break* e em meados dos anos 1980 chegou o *rap*. Grupos de *hip hoppers* que se interessavam por este ritmo musical, identificados com o movimento juvenil, “nascido na periferia e cuja força se concentra na música de origem negra, passaram a pesquisá-lo difundindo-o no país” (ANDRADE, 1999, p.88). Assim, surgiram os grupos de *rap* do movimento *Hip Hop*, estando hoje entre os mais conhecidos Thayde, Dj Hum e Racionais MC's “pertencentes a esse momento histórico de introdução, consolidação e proliferação dos ideais” (ANDRADE, 1999, p.88).

Tratamos até aqui sobre o objetivo do nosso trabalho, a história do movimento *Hip Hop* e o que é *rap*. Agora, conheceremos o grupo Racionais MC's do qual analisaremos sua

produção. Este grupo, sob a influência de Milton Salles (ROCHA, DOMENICH, CASSEANO, 2001), admitia que a música é uma arma e está em todos os lugares. Se ela tem esse poder de mover esse sistema, ela tem também o poder de elucidar.

Os Racionais MC's são um grupo de *rap* paulistano, composto por: Mano Brown, Edy Rock e Ice Blue que são os *rappers*, e KL Jay que é o DJ. O grupo surgiu no final dos anos 1980, sendo um dos pioneiros no cenário nacional desse gênero/estilo musical, e podemos dizer que sua produção é dividida em três fases:

a primeira fase entre os anos de 1989 até 1996, com a produção de discos como, por exemplo, *Holocausto Urbano* (1990) e *Raio X do Brasil* (1993), nos quais a tônica ou a principal preocupação do *rapper-narrador* é o estabelecimento ou o despertar de uma consciência positiva ou afirmativa de valores autenticamente negros; na segunda fase, marcada ou definida pelo disco *Sobrevivendo no Inferno* (1997) tem-se uma transformação no discurso do *rapper-narrador*, afim de conduzir o seu interlocutor para a constatação da impossibilidade de desconsideração da condição mestiça do afro-descendente brasileiro e da condição de pobreza que faz com que os Cinquenta mil manos evocados por Mano Brown não sejam mais somente os negros, mas também pobres; e, finalmente, uma terceira fase, na qual o *rapper-narrador* tem plena consciência de sua condição mestiça, da impossibilidade de sua existência sem considerar que as semelhanças e as diferenças existentes entre os afro-descendentes e os não afro-descendentes não são exatamente distinções que impossibilitam o contato." (VIANNA, 2008, p.13)

Como já dito, neste trabalho analisaremos a música-texto *Da ponte pra cá* (2002) última faixa do CD 2 do álbum duplo *Nada como um dia após o outro dia* (2002) que pertence à terceira fase do grupo, momento em que o *rapper-narrador* tem plena consciência

de sua condição mestiça, considera a possibilidade de que o negro e o branco se contaminem por interação e a questão da pobreza aparece com mais força como fator de união entre indivíduos fazendo com que a condição social supere as questões raciais.

Ademais, a faixa analisada não foi escolhida aleatoriamente, e, sim, porque o título já fala sobre seu conteúdo. “Da ponte pra cá” é uma expressão que entrou no vocabulário do *rap* nacional e da literatura da periferia paulistana em particular, porque identifica aqueles que moram na periferia da Zona Sul de São Paulo, além disso, na cidade existem várias pontes sobre os rios Tietê e Pinheiros, que margeiam o centro, separando a periferia. A ponte separa o “lado de lá”, dos bairros ricos e o “lado de cá” da periferia pobre, que é tema bastante trabalhado na produção dos Racionais MC’s em sua terceira fase, já que, com o crescimento não planejado da cidade a população pobre foi sendo expulsa do grande centro, cada vez mais valorizado e foi obrigada a estabelecer-se em áreas periféricas sem a mínima infraestrutura urbana.

O próprio termo “ponte” tem sua força poética, pois é um elemento que ao mesmo tempo une e separa.

Problema teórico e prático da fronteira: a quem pertence a fronteira? Não tem o caráter de não-lugar que o traçado cartográfico supõe no limite. Tem um papel mediador. Também a narração o faz falar: “Pára!” – diz a floresta de onde sai o lobo. “Stop!” – diz o rio mostrando o seu jacaré. Mas este ator, pelo simples fato de ser a palavra do limite, cria a comunicação assim como a separação: e muito mais, só põe a margem dizendo aquilo que o atravessa, vindo da outra margem. (CERTEAU, 1994, p. 213)

A ponte permite transportar-se de um lado para outro, segundo Leite (2013) sobre um patamar elevado do chão sobre, necessariamente, um obstáculo do terreno que impede o curso de uma via terrestre. Determinadas situações geográficas impulsionam este tipo de solução arquitetônica e urbanística e acabam por caracterizar algumas cidades.

O rap e o espaço

A lua cheia clareia as ruas do Capão,/ Acima de nós só Deus humilde, né não? né não?/ Saúde! (Plin) Mulher e muito som,/ Vinho branco para todos, um advogado bom/ (Cof,cof) ah, esse frio tá de foder,/ Terça-feira é ruim de rolê, vou fazer o quê/ Nunca mudou nem nunca mudará/ O cheiro de fogueira vai perfumando o ar/
Mesmo céu, mesmo cep no lado sul do mapa,
(RACIONAIS MC'S, 2002)

A noite cai na cidade de São Paulo e o bairro Capão Redondo é iluminado pela lua cheia, pois o governo não se importa em manter as luzes das ruas da periferia funcionando, então o que ilumina é a lua. Um dos temas trabalhados nas músicas-textos dos Racionais MC's em sua terceira fase é a questão da pobreza, condição social que supera as questões raciais e promove a união entre os indivíduos. De acordo com Nascimento (2006) consideramos que:

o que nos importa agora é a intensidade com que as mensagens dos Racionais brotam de seu meio, de seu lugar, pois acreditamos que é um discurso que, em seu conteúdo, nasce e se nutre a partir das próprias relações do homem com seu meio físico e sócio-cultural, ou seja, de seu território. (NASCIMENTO, 2006, p. 5-6).

O fato de que o crescimento da cidade de São Paulo não foi acompanhado de um planejamento social urbano que contemplasse com infraestrutura a grande quantidade de gente que chegava à região, a população negra e pobre foi sendo excluída da cidade e das relações de trabalho, empurrada para áreas cada vez mais distantes do centro e da visão do Estado. Dessa forma, os indivíduos que constituem essa população estão historicamente relegados à comunidade, e por serem assim sentem que não pertencem ao universo simbólico da

nacionalidade brasileira porque vivem em um espaço desprovido de possibilidades para o exercício desse vínculo nacional, assim, buscam nesse novo ambiente (a margem) sua própria natureza por meio de encontros entre indivíduos que dividem as mesmas histórias e costumes e estes se encontram na periferia, lugar onde vivem, o que mobiliza o pertencimento à área geográfica ocupada por esta população que organizada em torno do Movimento *Hip Hop*, vai preconizar o pertencimento às suas periferias e por isso o **“Mesmo céu, mesmo cep no lado sul do mapa”** (RACIONAIS MC’S, 2002), o *rapper*, mesmo com as dificuldades e depois de muitos anos, continua morando no seu bairro. *“Da ponte pra cá define o sentimento e a condição dos que vivem nas periferias e se reconhecem como pertencentes a uma cultura com características definidas, antes de tudo, pela geografia”*. (LEITE, 2013, p.?)

Pensando em como foram formadas as periferias a constituição de um espaço urbano é inseparável de um movimento de organização que impõe aos indivíduos e aos grupos um padrão comportamental. Este movimento faz com que o espaço se constitua como regular, isto é, que ele se teça com a regularidade necessária para compreender os comportamentos e os interesses que deles resultam. Ou seja, não é possível pensar o espaço que nós habitamos sem levar em consideração o fato de que ele se constitui no mesmo movimento em que nos organizamos como seres sociais. (MACIEL, 2000, p. 11-12)

A organização social dos moradores da periferia e dos bairros ricos de São Paulo está representada na música-texto cantada por Mano Brow, **“sempre ouvindo um rap para alegrar a rapa/ nas ruas da sul eles me chamam Brown”** (RACIONAIS MC’S, 2002). Na música, o *rapper* questiona a possibilidade de o playboy conviver com o pessoal da “quebrada”²⁴, já que a marginalidade atrai a juventude da classe média. **“Playboy bom**

²⁴ “Quebrada” é uma gíria utilizada por comunidades que habitam as periferias das cidades, designa locais que sejam distantes do centro, conhecidos pela sua periculosidade, humildade e pobreza.

é chinês e australiano,/ Fala feio, mora longe e não me chama de mano/"E ae brother, hey, uhhuul, " pau no seu cu." (RACIONAIS MC'S, 2002). O *playboy* aqui está representado pelo estrangeiro que igual aos que moram da ponte pra lá são desprovidos da cultura da periferia, remete a uma outra demarcação de padrões, "já que suas atitudes e sua linguagem não condizem com as caracterizadas autenticamente pelos que realmente conhecem as 'quebradas', que dominam seus códigos linguísticos e comportamentais, nos mais diferentes níveis" (NASCIMENTO, 2006, p.17). A palavra **brother** é a diferença dada como marca da superioridade dos manos em relação aos *playboys*, instituindo, assim, uma prática utilitarista que visa a se aproveitar dos seus bens materiais e do seu dinheiro,

Respeito, sou sofredor e odeio todos vocês/ Vem de artes marciais que eu vou de Sig Sauer,/ **Quero sua irmã e o seu relógio Tag Heuer/ Um conto se pá, dá pra catar,/ Ir para a quebrada e gastar antes do galo cantar./ Um triplex pra coroa é o que malandro quer/ Não só desfilar de Nike no pé.** (RACIONAIS MC'S, 2002)

Porém, os *playboys* e os manos não se misturam, não andam juntos, são os manos do lado de cá e os *playboys* do lado de lá "**Ô, vem com a minha cara e o din-din do seu pai,/ Mas no rolé com nós cê não vai!/ Nós aqui, vocês lá, cada um no seu lugar./ Entendeu?/ Se a vida é assim, tem culpa eu?"** (RACIONAIS MC'S, 2002). "O *playboy* é explorado e excluído a inversão de valores operada funciona ironicamente como um esboço de afirmação cultural". (NASCIMENTO, 2006, p.17).

Segundo Maciel (2000), a constituição do espaço urbano e os comportamentos que ele abarca são concomitantes, assim como narra Mano Brow na música, na medida em que a ponte separa o lado pobre da Zona Sul dos bairros ricos, faz com que os moradores de ambas as partes não se misturem. De acordo com o autor pensamos o espaço urbano como estriado por excelência. O espaço estriado trata-se do espaço das sedimentações históricas,

dos estratos históricos que vigoram nos dispositivos de saber efetuado pelas instituições, pelo aparelho de Estado, enfim, pelas segmentações sociais, é um espaço físico e vivido.

É claro que as variações estão presentes na organização do espaço urbano, mas a distribuição de funções, sejam elas policiais, administrativas, comerciais, entre outras, se estabelecem segundo uma organização geométrica regular. Podemos dizer então que a cidade é, por excelência, a expressão de um espaço estriado, onde o meio físico e as funções sociais, administrativas pelo aparelho de Estado, constituem estratos que fixam e normatizam a vida. (MACIEL, 2000, p.13)

Os Racionais MC's procuram expor as contradições entre dois territórios demarcados e espaços não compartilhados. A cidade, geração após geração, juntou na periferia seus irmãos de sofrimento, forçando-os a inventar, na tensão diária da vida cotidiana, formas alternativas para sobreviver, por isso, como descrito no refrão, o mundo é diferente da ponte pra cá. **“Não adianta querer, tem que ser, tem que pá./ O mundo é diferente da ponte pra cá!/ Não adianta querer ser, tem que ter para trocar,/ O mundo é diferente da ponte pra cá”**. (RACIONAIS MC'S, 2002).

A ponte separa dois lugares, o lado de cá, da periferia da Zona Sul e o lado de lá dos bairros ricos; de acordo com Certeau (1994), o espaço realiza-se enquanto vivenciado, ou seja, um determinado lugar só se torna espaço na medida em que indivíduos exercem dinâmicas de movimento nele através do uso, e assim o potencializam e o atualizam. Quando ocupado, o lugar é imediatamente ativado e transformado, passando à condição de lugar praticado. **“Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres”**. (CERTEAU, 1994, p. 202)

Da mesma forma que a rua é transformada em espaço pelos pedestres, tanto a “quebrada” quanto os bairros ricos se transformam em espaço pelos seus moradores

Outra vez nós aqui, vai vendo,/ Lavando o ódio embaixo do sereno/ Cada um no seu castelo, cada um na sua função (...) E cada favelado é um universo em crise/ Quem não quer brilhar, quem não? mostra quem,/ Ninguém quer ser coadjuvante de ninguém..." (RACIONAIS MC'S, 2002).

Cada favelado é um universo em crise, significa que cada pobre tem um universo de histórias, que está em crise por causa dos problemas que os obrigam a se reinventarem todos os dias buscando formas diferentes de sobreviverem. "**Ninguém quer ser coadjuvante de ninguém**" (RACIONAIS MC'S, 2002), ou seja, ninguém quer ficar na sombra dos outros, está explícito a consciência do desejo de igualdade,

E quem não quer chegar de Honda preto e banco de couro,/ E ter a caminhada escrita em letras de ouro/ A mulher mais linda, sensual e atraente,/ Da pele cor da noite, lisa e reluzente/ Andar com quem é mais leal e verdadeiro,/ Na vida ou na morte, o mais nobre guerreiro/ O riso da criança mais triste e carente,/ Ouro e diamante, relógio e corrente/ Ver minha coroa onde eu sempre quis por,/ De turbante, chofer, uma madame nagô./ Sofrer, pra quê? Mas se o mundo jaz do maligno,/ Morrer como homem e ter um velório digno,/ Eu nunca tive bicicleta ou vídeo-game,/ Agora eu quero o mundo igual cidadão Kane. (RACIONAIS MC'S, 2002)

Mano Brown pergunta se alguém não quer ter uma vida gloriosa, com dinheiro, mulheres bonitas, amigos verdadeiros e conseguir tirar um sorriso de qualquer criança, por mais carente que ela seja como seria do lado de lá da ponte, afinal todos desejam conquistar seu lugar ao sol. Deseja ver sua mãe como uma madame, ou seja, uma mulher negra que assume o posto dado à típica mulher branca rica, que é assim tratada como madame por vários subalternos negros e pobres. Mas ele se pergunta, para que sofrer se o mundo jaz do maligno e mostra não mais se importar com o que ocorre neste mundo, já que morrer

como um homem de honra e não como um verme é muito mais digno em tempos onde a honra é escassa. Porém quer ter o mundo igual ao do cidadão Kane, que é um filme que conta a história de Charles Foster Kane, um menino pobre que acaba se tornando um dos homens mais ricos do mundo. O *rapper* faz disso sua inspiração após uma infância sofrida agora ele pretende “conquistar o mundo”.

Da ponte pra cá antes de tudo é uma escola,/ Minha meta é dez, nove e meio nem rola/ Meio ponto a ver... Hum... e morre um. (RACIONAIS MC’S, 2002). A rua é uma escola onde tem que se esforçar para não vacilar. Logo, explorando a analogia com a escola e a ideia do ditado popular – *meio certo não existe* – para sobreviver deve-se sempre escolher o caminho certo, principalmente se tratando da vida perigosa levada na periferia deve-se tomar cuidado para não cair na vida do crime. Concluindo esta estrofe, Mano Brow manda um salve para “**Jardim Rosana, Três Estrela e Imbé,/ Santa Tereza, Valo Velho e Dom José./ Parque, Chácara, Lídia, Vaz, Fundão/ Muita treta pra Vinícius de Moraes**” (RACIONAIS MC’S, 2002), que são favelas em que ocorrem as ações narradas na música.

Todas as ações descritas Mano Brow contam a relação conflituosa entre a periferia e as zonas nobres da cidade, são estas ações que fazem com que estes lugares se tornem espaços, pois, o lugar praticado é algo fisicamente imóvel que depende das dinâmicas de deslocamentos de um coletivo para se re-significar e atualizar-se constantemente. O espaço público só adquire identidade quando praticado pelos indivíduos através do contato físico, pressupondo um tipo de enraizamento – provisório – com tais lugares. As transições de um lugar a outro, realizadas pelo coletivo de praticantes das cidades geram reverberações constantes nas passagens de lugar para lugar-praticado, de anônimos para portadores de identidade. “Em suma, *o espaço é um lugar praticado*”. (CERTEAU, 1994, p. 202).

Considerações finais

Este artigo teve como intuito, analisar o espaço narrado na música-texto *Da ponte pra cá* (2002) última faixa do CD 2 do álbum duplo *Nada como um dia após o outro dia* (2002) dos Racionais MC's, um grupo de *rap* paulistano e um dos mais famosos do Brasil. O espaço narrado é a periferia que está “da ponte pra cá” e que é uma referência das músicas-texto dos Racionais MC's por ser o espaço geográfico redefinido como espaço pertencente aos moradores. Na música pode-se verificar a exaltação do pertencimento ao bairro - à “quebrada” - **“Antes de tudo, eu quero dizer, pra ser sincero/ Que eu não pago de quebrada, mula ou banca forte,/ Eu represento a sul, conheço loco na norte”**. (RACIONAIS MC'S, 2002). Mano Brown diz que ele não paga de morador e defensor da favela, “pagar” significa alguma pessoa querer mostrar algo que não é. Ou seja, Brown nega que ele esteja fingindo ser da favela, porque ele é e representa este lugar.

Com a enunciação dessa escolha pelo bairro, pela quebrada, o enunciador faz outras escolhas como, por exemplo, conviver com a violência própria de seu espaço, com a constante ameaça de morte, o total desprovimento de aparelhamento de cidadania (de infraestrutura como postos de saúde, escola, saneamento, proteção policial). (VIANNA, 2011, p. 128)

São essas ações que fazem com que os moradores da periferia se reinventem todos os dias buscando diversas formas de sobreviver, se reinventam e reinventam constantemente este lugar, tornando-o espaço. Como vimos de acordo com Certeau (1994) o espaço é um lugar praticado e, de acordo com Maciel (2000), é um espaço estriado, pois é físico e vivido. A partir da análise feita foi possível observar que a questão territorial é de suma importância na construção e constituição do mundo do *rap* dos Racionais. O *rap* representa aqueles que vivem na periferia, funciona como meio de transformação social, representa a ampliação das vozes e dos anseios individuais, é um canal de

veiculação de mensagens em favor da autoestima, da valorização da sua comunidade, dos seus valores e da sua cultura.

Referências

- CERTEAU, Michel de. Relatos de espaço. In: A invenção do cotidiano 1. Petrópolis, Vozes, 1994, p. 199-217.
- MACIEL, Auterives. Nomadização dos espaços urbanos. In: COSTA, Icléia Thiesen M.; GONDAR, Jô (org.). Memória e espaço. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000, p. 11-21.
- ANDRADE, Nunes Elaine. "Hip Hop: movimento negro juvenil". In: _____. *Rap e educação: Rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999.
- ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO Patrícia. *HIP HOP: A Periferia Grita*. 1ª edição, São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.
- VIANNA, Cíntia Camargo. *Preto tipo A ou pardo tipo A? A Construção de uma identidade étnico-cultural afirmativa na manifestação artística dos Racionais MC's*. Olhares e Trilhas, Uberlândia, n 10, p.21-32, 2009. Disponível em: < file:///D:/Meus%20Documentos/Downloads/13867-52298-1-PB.pdf>
- VIANNA, Cíntia Camargo. *Literatura afro-brasileira contemporânea: o rap como possibilidade*. Ipotesi, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 123-131, jul./dez. 2011.
- LEITE, Antonio Eleilson. Nada como um dia após o outro. In: *Outras Palavras: Comunicação Compartilhada e Pós-capitalismo*. São Paulo, 2013. Disponível em: < <http://outraspalavras.net/posts/nada-como-um-dia-apos-o-outro/>>.
- NASCIMENTO, Jorge Luiz. *Da ponte pra cá: os territórios minados dos Racionais MC's*. Revista Eletrônica de Estudos Literários, Vitória, a. 2, n. 2, p. 1-28, 2006. Disponível em: < file:///D:/Meus%20Documentos/Downloads/3434-5569-1-PB.pdf>

Discografia dos Racionais MC's

Faixa 10 do CD2 "Nada como dia após o outro dia" do Grupo Racionais MC 's, "Da ponte pra cá".